

Resumo: O Documento de Aparecida oferece significativas e imprescindíveis contribuições para a formação do presbítero. Atento à mudança de época em que vivemos, marcada sobretudo pelo “modo de ter de existir” e pelo “modo urbano de existir”, urge um repensamento do modo de ser Igreja e do seu agir missionário. Consequentemente, é preciso repensar também o ser e agir do presbítero, chamado a assumir a missão de pregar o Evangelho de Jesus Cristo que valoriza “ser” pessoal e cristão. Contra a “profissionalização do ministério presbiteral”, é preciso afirmar a missão, gratuita e permanente, como eixo articulador da formação presbiteral.

Abstract: The Document of Aparecida makes some significant and irreplaceable contributions to the formation of priests. With special attention to the changes in our time and age, as marked by the means needed for existence over the mode of urban existence, a new requirement is made to the Church so as to stress the mode of Christian belonging and missionary action of the faithful. As a result, priestly vocation should focus on the role of the priest as preacher of Christ’s gospel, rather than on a mere professional ministry. Most important of all is to reaffirm his commitment to Jesus Christ in view of the gratuitous and permanent mission of the priest in unrelenting growth towards perfection.

O presbítero e a missão

*Stefano Raschiatti**

* Stefano Raschiatti, SX, é missionário italiano há 20 anos no Brasil. É mestre em Teologia Dogmática com concentração em Missiologia pela Pontifícia Faculdade Nossa Senhora da Assunção, São Paulo, SP, assessor do Conselho Missionário Nacional da CNBB e Secretário Executivo do Centro Cultural Missionário – CCM de Brasília.



O tema da missão perpassa todo o Documento de Aparecida (DAp) como elemento fundante de conversão eclesial. É tratado especificamente no começo da terceira parte, no sétimo capítulo: “A missão dos discípulos a serviço da vida plena”. Aqui encontramos três aspectos essenciais: primeiro, o fundamento e a dinâmica da missão (“Viver e comunicar a vida nova em Cristo a nossos povos”); segundo, a necessidade de uma metanóia pessoal e estrutural para tornar-se sujeito da missão (“Conversão pastoral e renovação missionária das comunidades”); terceiro, a necessária extensão da ação missionária para o mundo inteiro (“Nosso compromisso com a missão *ad gentes*”).

O nexo entre presbítero e missão é tão estreito que, quanto mais entendermos a missão em suas perspectivas fundamentais, tanto mais entenderemos melhor a identidade do presbítero, seu caminho discipular de conversão e sua missão ao mundo inteiro.

1 Fundamento: viver e comunicar a vida nova em Cristo

Com efeito, o que representa a missão para a vida da Igreja e de seus presbíteros?

Para tentar um caminho de compreensão, o DAp retoma, logo de cara, como fundamento, *Ad Gentes 2*: “A Igreja peregrina é missionária por natureza, porque tem sua origem na missão do Filho e do Espírito Santo, segundo o desígnio do Pai. Por isso, o *impulso missionário* é fruto necessário à vida que a Trindade comunica aos discípulos” (DAp 347).

A primeira novidade da declaração conciliar está na palavra “natureza”, que quer dizer “essência”: a Igreja é missionária por sua “essência”. Essa essência é a própria essência de Deus, porque “este desígnio brota do «amor fontal», isto é, da caridade de Deus Pai” (AG 2). Em outras palavras, a missão vem de Deus porque Deus é amor, um amor que não se contém, que transborda, que se comunica, que sai de si já com a criação do mundo, e conseqüentemente ao pecado da humanidade, com a história da salvação para reintegrar as criaturas na vida plena do Reino. Esse transbordar histórico da Trindade Imanente foi chamado de Trindade histórico-salvífica, que configura a missão de Deus (*missio Dei*). De alguma forma, o próprio Deus se auto-envia pela missão do Filho e do Espírito, através dos quais o próprio Pai se revela



como amor (cf. Jo 14,9).¹ Em suma, Deus é missão: a missão existe com Deus, diz respeito ao que Deus é e não, primeiramente, ao que Deus faz. Por tabela, a missão da Igreja não teria, a princípio, um seu porquê, não surgiria de uma necessidade histórica de sobrevivência ou de domínio, mas é um *impulso* gratuito, de dentro para fora, que teria como origem a participação à vida divina (cf. DAp 348).

A segunda palavra mágica é “missionária”. A Igreja é por sua natureza missionária. Isso constitui uma revolução no próprio conceito de Igreja, que procede da *missio Dei*. Não é mais a Igreja que envia missionários em qualidade de “missionante”, mas é ela própria enviada como “missionária”. Seu envio não é consequência: é essência. A Igreja “é” ao ser enviada: se edifica em ordem à missão. Não é a missão que procede da Igreja, mas é a Igreja que procede da missão de Deus. A missão é antes de tudo: eis a mudança de paradigma. A eclesiologia, portanto, não precede a missiologia.² A atividade missionária não é tanto uma ação da Igreja, mas é simplesmente a Igreja em ação. Ou como, diria Moltmann, “não é uma igreja que ‘tem’ uma missão, mas ao contrário, é na missão de Cristo que se cria a Igreja. Não é uma missão que deve ser compreendida a partir da Igreja, mas o contrário”.³ Nisso se define a própria identidade da Igreja e também a própria identidade do presbítero.

Josef Ratzinger insiste que o verdadeiro elemento integrante da identidade sacerdotal reside na dimensão *missionária* que está na base do ministério do presbítero em suas três atuações fundamentais (profeta, sacerdote e pastor):

“Essa característica de ser enviado por Jesus exige do sujeito não só certa maneira de agir, mas também o toca no seu próprio ser. Ser padres e viver em estado de missão significa ser-enviados. Quer dizer que, para o sacerdote, o seu ser-para-um-outro tem uma importância constitutiva. Quem aceita uma missão não pertence mais a si mesmo. E isso por duas razões: ele é expropriado em favor daquele que ele representa, mas também em favor daqueles diante dos quais ele o representa. Viver em estado de missão comporta uma laceração na própria existência. E também aqui em duas frentes. Precisa deixar o lugar a quem envia e

- ¹ Veja SUESS, Paulo. *Missão como Caminho, Encontro, Partilha e Envio*. Perspectiva, Desafios e Projetos. In: *Igreja no Brasil, tua vida é missão*. I Congresso Missionário Nacional. Brasília: POM, 2003, pp. 54 – 55.
- ² Cf. BOSCH, *Missão transformadora*. Mudança de paradigma na Teologia da Missão. São Leopoldo (RS): Sinodal, 2002, p. 446.
- ³ MOLTMANN, J. *La Iglesia en la fuerza del Espíritu*. Salamanca, 1978, p. 26.



*não preocupar-se com a própria pessoa, deixando-a fora do jogo; não anunciar a si próprios nem apropriar-se da palavra que se comunica, mas abrir o caminho e o espaço a outros, sempre prontos a diminuir para que os outros cresçam”.*⁴

Um Deus humano

Esses fundamentos estão repletos de implicações na compreensão dos principais mistérios da fé. Compreender a missão não como atividade, território ou necessidade histórica, mas como essência gratuita de Deus Amor e da Igreja peregrina, significa para o presbítero adoção de uma prática jesuana de proximidade aos outros e aos pobres, para comunicar vida em termos de humanidade, compaixão, gratuidade, fraternidade sem fronteiras, como caminho de salvação. “Fora do dom da vida (acolhido e oferecido) e da fraternidade não há salvação”, diria o próprio DAp com outras palavras (cf. DAp 359-360).⁵

A essência missionária da Igreja e da identidade do presbítero diz respeito também à essência do Evangelho que vão anunciar. Com esta palavra, “evangelho”, os autores do Novo Testamento quiseram transmitir, de maneiras muito diferentes entre eles, o anúncio fundamental de Jesus. Esse anúncio pode-se resumir no seguinte: Deus é Pai, nós somos seus filhos e filhas, irmãos e irmãs entre nós. Ponto. O Evangelho está todo aqui. Isso não é apenas uma noção, mas é algo de vivido por Jesus efetivamente numa prática de vida, e afetivamente numa relação intensamente carinhosa com Deus e com os irmãos: “Ele nos ensinou a orar dizendo ‘Abbá’” (DAp 17). “Abbá” quer dizer com ternura: “papaizinho”.

Essa Boa Nova anuncia uma visão completamente nova de Deus. Jesus “Sacerdote” (cf. Hb 5,5-6) nos apresenta um Deus que não pede sacrifícios: ele se sacrifica por nós. Não pede oferendas: ele oferece a própria vida. Não tira o pão da boca dos pobres: ele se torna pão para saciar multidões. Deus revela em Jesus seu rosto profundamente humano e, nele, a humanidade se encontra plena, reunida numa só família.

⁴ RATZINGER, J. *Zur Frage nach dem Sinn des priesterlichen Dienstes*, in GuL 41 (1968) 357.

⁵ Em DAp 359 encontramos “uma profunda lei da realidade: a vida se desenvolve plenamente na comunhão fraterna e justa”. Em DAp 360, “outra lei profunda da realidade: a vida se alcança e amadurece à medida que é entregue para dar a vida aos outros”. E conclui: “isso é, definitivamente, a missão”.



A vida de Jesus aponta continuamente para essa perspectiva. A sua é uma maneira de encarar a realidade baseada numa peculiar experiência de Deus, uma *ética* que se fundamenta numa *ótica*: se eu acreditar que Deus é verdadeiramente Pai de todos, então os outros são meus irmãos. Todos os outros, ninguém excluído (cf. DAp 353).⁶

Por isso, então, a prática missionária de Jesus é uma contínua aproximação aos pobres e aos outros para libertá-los das amarras da opressão da Lei, do preconceito, da exclusão, do domínio, e oferecer-lhes uma vida melhor: isso acontece com paralíticos (cf. Jo 5,1-18), cegos (cf. Jo 9,1-34), leprosos (cf. Lc 17,11-19), endemoninhados (cf. Mc 5,1-20); mulheres prostitutas, impuras, adúlteras, pagãs (cf. Lc 7,36-50; 8,43-48; Jo 8,1-11; Mc 7,24-30), cobradores de impostos (cf. Lc 19,1-10), fariseus (cf. Jo 3,1-15) e romanos opressores (cf. Mt 8,5-13).

Uma vida plena

O desconcerto causado por Jesus, pela humanidade universal do Deus que ele anuncia, acompanha a sua Igreja e seus presbíteros até os dias de hoje. Estamos sempre a caminho como discípulos missionários, em qualidade de presbíteros, tentando entender o mistério dEle, aderindo à sua mesma missão. Ele é o Caminho, a Verdade e a Vida que continuamente surpreende e desafia nossas direções, nossas convicções e nossas pretensões.

A única coisa que nos pede (porque é a única que humaniza plenamente), é: viver como filhos do Pai e como irmãos entre nós. A nossa fé não constitui uma moral, um rito: funda e se realiza num humanismo. Amar o humano em todas as suas manifestações e limitações: isto é divino e isto é exigido dos discípulos missionários. O Evangelho não indica as condições para salvar a própria alma: indica como viver plenamente, humanamente, na base do amor gratuito. Ele é recompensa para si próprio.

A vida plena só se encontra na vivência de um amor radical, gratuito e universal, segundo o espírito das Bem-aventuranças (cf. DAp 139), na proximidade e no serviço aos pobres e aos outros. Desta maneira o discípulo se torna “irmão” de todos. Para o presbítero, a dimensão da

⁶ Cf. CNBB. *Diretrizes gerais da ação evangelizadora da Igreja no Brasil. 2003-2006*, 114-120



fraternidade é fundamental: “os presbíteros, tirados dentre os homens e constituídos a favor dos homens nas coisas que se referem a Deus, para oferecerem dons e sacrifícios pelos pecados (16), convivem com os restantes homens como irmãos” (PO 3).

Essa fraternidade evangélica constitui também o âmbito necessário para o celibato voluntário dos discípulos missionários. A escolha celibatária não é um virtuosismo direcionado a uma perfeição individual ou a uma atividade apostólica. Faz parte da radicalidade vivida por Jesus e proposta aos discípulos: deixar casas, irmãos, irmãs, pai, mãe, filhos, campos... (cf. Mt 19,29). Essa radicalidade conflui numa comunhão de vida com Ele e com uma pequena comunidade de irmãos: “Jesus faz dos discípulos seus familiares, porque compartilha com eles a mesma vida que procede do Pai e lhes pede, como discípulos, uma união íntima com Ele, e obediência à Palavra do Pai, para produzirem frutos de amor em abundância”. (DA 133) É por isso que a *Christus Dominus* 30 recomenda insistentemente a vida em comum dos presbíteros.

A palavra “irmão” é tão importante, no Evangelho, que se torna praticamente um sinônimo de discípulo. *Fazer discípulos* na missão (cf. Mt 28,19), portanto, quer dizer *fazer irmãos*. A comunhão de vida estabelecida mediante relações fraternas constitui a origem, o caminho e a meta da missão: “Descobrimos, dessa forma, uma profunda lei da realidade: a vida só se desenvolve plenamente na comunhão fraterna e justa” (DAp 359).

Uma missão que comunica vida

A partir daqui entendemos por que uma vida plena segundo o Evangelho é uma vida que se torna dom. A vida de Jesus foi um dom: “*Tomai e comei, isto é o meu corpo*”. Nós fazemos eucaristicamente memória desse dom quando nos entregamos inteiramente à doação, até coincidir rigorosamente com o Dom recebido.

Aplicado à vida do presbítero, isso tem um significado todo especial:

“A auto-doação de Cristo, que tem a sua fonte na vida trinitária do Deus-Amor, atinge a sua expressão mais alta no sacrifício da Cruz, cuja antecipação sacramental é a Última Ceia. Não é possível repetir as palavras da consagração sem sentir-se implicado nesse movimento espiritual. Em certo sentido, o sacerdote deve aprender a dizer, com



verdade e generosidade, também de si próprio: 'tomai e comei'. De fato, a sua vida tem sentido, se ele souber fazer-se dom, colocando-se à disposição da comunidade e ao serviço de qualquer pessoa que passe necessidade".⁷

Vida não é para ser retida: é para ser doada (cf. DAp 360). A frase de Jo 10,10, “*Eu vim para que todos tenham vida, e a tenham em abundância*”, largamente utilizada em nossas pastorais sociais, tornou-se não raramente um chavão equivocado. Quantas vezes os presbíteros se entregaram para que os pobres tivessem “vida em abundância”. Mas a conquista dessa vida, em termo de moradia, terra, trabalho, educação, saúde, etc., muitas vezes foi recebida como vida para si sem partilha, sem missão, sem dom para os outros. Quantas lideranças abandonaram as lutas sociais, uma vez alcançados seus próprios objetivos. Sem dúvida, a missão cristã beneficia gratuitamente muita gente, mas deixa de *fazer discípulos missionários* (cf. Mt 28,19) quando não consegue envolver seus destinatários na lógica do dom, que faz com que eles participem da própria vida de Deus (cf. DAp 348).

Esse discernimento é cruel para a missão, mas necessário: se for verdade que “a evangelização vai sempre unida sempre à promoção humana e à autentica libertação cristã” (DAp 26), é também verdade que o divisor das águas entre promoção humana e discipulado missionário é exatamente o dom da vida não só recebido mas também oferecido. Estamos realmente evangelizando? Estamos ajudando nossos interlocutores a tornarem-se protagonistas da missão e não apenas destinatários? Estamos saindo da planície para escalar com eles o topo da montanha da Galileia⁸, para ser enviados aos outros?

É preciso ter muito claro que o objetivo último da missão não é *fazer obras* (filantrópicas) e sim *fazer discípulos missionários*, praticantes da Palavra, participantes da vida divina. Isso faz a vida fluir: uma vida doada para outra vida, para que esta se torne por sua vez um dom. A Igreja na América Latina procura encontrar esse sentido da missão

⁷ JOÃO PAULO II. Carta aos Presbíteros por ocasião da quinta feira santa de 2005. Disponível em: http://www.vatican.va/holy_father/john_paul_ii/letters/2005/documents/hf_jp-ii_let_20050313_priests-holy-thursday_po.html. Acesso em 5 fev. 2008.

⁸ A montanha das Bem-aventuranças (cf. Mt 5-7) e a do Grande Mandato (cf. Mt 28,16-20) Num primeiro momento, aqui é proclamada a cartilha do discípulo de Jesus, o que significa *ser* discípulo de Jesus: o conteúdo da missão. Num segundo momento, no final do Evangelho, nessa mesma montanha, o Ressuscitado envia seus discípulos a *fazer discípulos* em todas as nações: o objetivo da missão.



quando afirma que é preciso “aprofundar e enriquecer todas as razões e motivações que permitam converter cada cristão em discípulo missionário” (DAp 362).

2 Conversão: renovação missionária das comunidades e de seus presbíteros

A missão de comunicar vida é a razão de ser da Igreja (cf. DAp 373) e conseqüentemente de seus presbíteros. Por isso ela é chamada a desinstalar-se: “a Igreja necessita de forte comoção que a impeça de se instalar na comodidade, no estancamento e na indiferença, à margem do sofrimento dos pobres do Continente” (DAp 362).

Se “missão” significa “envio”, todo envio pressupõe um deslocamento e uma saída: “nós somos agora, na América Latina e no Caribe, seus discípulos e discípulas, chamados a navegar mar adentro para uma pesca abundante. Trata-se de *sair de nossa consciência isolada* e de nos lançarmos, com ousadia e confiança (*parresia*), à missão de toda a Igreja” (DAp 363). A conversão missionária da qual fala o DAp em uma de suas páginas centrais (cf. 7.2 *Conversão pastoral e renovação missionária das comunidades*) equivale substancialmente a uma *saída*. Na saída de si, do círculo da própria comunidade e dos confins da própria terra, se realiza para a Igreja essa conversão. Paradoxalmente, é nessa saída que a Igreja encontra sua razão de ser e sua própria identidade.

“Temos que ser de novo evangelizados” (DAp 549)

O tema da conversão, antes de ser dirigido aos destinatários da missão, é apontado pelo DAp como exigência fundamental para a própria Igreja. Com o mesmo espírito do Vaticano II, Aparecida analisa que, na atual conjuntura de grandes mudanças, “sentimo-nos desafiados a discernir os ‘sinais dos tempos’” (DAp 33) e “a assumir uma atitude de permanente conversão pastoral” (DAp 366). Na mudança global, a Igreja precisa mudar também, mas não apenas pastoralmente “seu jeito de ser”⁹: ela precisa ser evangelizada de novo para converter-se numa Igreja

⁹ A pastoral muitas vezes é vista, no esquema clássico dedutivo, apenas como a aplicação prática do *depositum fidei*. No entanto a missão proporciona um encontro com os pobres e com os outros que informa e transforma profundamente nossa interpretação do Evangelho. A missão, na saída de si, converte profundamente a Igreja, não muda apenas suas linguagens e estratégias “para procurar êxitos pastorais” (DA 372).



cheia de ímpeto e audácia evangelizadora (cf. DAp 549). Conversão é um convite para Igreja e não, primeiramente, para o mundo.

O conteúdo dessa conversão consiste no surpreendente e profundo re-encantamento com a essência do Evangelho, um Evangelho assumido e vivido não como doutrina, mas como “práxis de vida baseada no dúplice mandamento do amor”.¹⁰ Essas palavras do Papa Bento XVI indicam um caminho a seguir, aparentemente quase óbvio: “não temos de dar nada como pressuposto e descontado, todos os batizados são chamados a ‘recomeçar a partir de Cristo’” (DAp 549).

No entanto, o DAp menciona a falta de espírito missionário em membros do clero e falta de solidariedade na comunhão dos bens no interior das Igrejas locais e entre elas, como sombras na caminhada eclesial latino-americana (cf. DAp 100e). O número de missionários e missionárias além-fronteiras do continente para o mundo é bastante exíguo. A passagem do *receber* dons de outras igrejas ao *dar* com gratidão é marcada por fortes resistências, muitas delas de caráter histórico e cultural. Contudo, o motivo principal de uma certa introspeção parece a urgente preocupação com a missão *ad intra*, apesar de alguns documentos convidarem a superar também essa dificuldade.¹¹

De que maneira podemos suscitar em nossos presbíteros e em nossas comunidades uma abertura verdadeiramente missionária sem uma perspectiva genuinamente *ad extra*, sem fronteiras, católica, atenta e sensível ao mundo todo? Sem esse respiro, corremos o risco de cairmos “na armadilha de fechar-nos em nós mesmos” (DAp 376), numa dinâmica centrípeta e, afinal, egocêntrica, traindo a missão e o espírito do próprio Evangelho.

Como “peregrinos a caminho” (DAp 553)

O episódio de Jesus em Nazaré (cf. Lc 4,16-30; Mc 6,1-6) parece confirmar o ditado popular: “santo de casa não faz milagre”. A missão,

¹⁰ *Bento XVI*, Encontro e celebração das Vésperas com os Bispos do Brasil, em 11 de maio de 2007.

¹¹ “Uma Igreja local não pode esperar atingir a plena maturidade eclesial e, só então, começar a preocupar-se com a missão para além de seu território. A maturidade eclesial é consequência e não apenas condição de abertura missionária. Estaria condenando-se à esterilidade a Igreja que deixasse atrofiado seu espírito missionário, sob a alegação de que ainda não foram plenamente atendidas todas as necessidades locais” (CNBB. *Igreja: comunhão e missão*, 119).



por definição, não pode ser feita em casa e nem a partir de casa. Mas ainda hoje, apesar de nossos esforços, somos tentados compreender a missão a partir de nós, a partir da Igreja e não a partir de Deus que envia e se auto-envia. A missão consiste no seguinte: não podemos esperar que as pessoas venham a nós, precisamos nós ir ao encontro delas e anunciar-lhes a Boa Nova ali mesmo onde se encontram. Esse princípio parece quase óbvio. No entanto, na prática, a Igreja sempre teve a tentação de evangelizar os povos a partir de sua própria condição, permanecendo em seu lugar, a partir de sua própria cultura, enviando e delegando seus missionários, mas sem se envolver num movimento de saída e de inserção nas situações que desejavam evangelizar.

Nesse sentido, metáforas usadas pelo DAp em descrever a Igreja e sua missão, podem levar a algum equívoco. Por exemplo, a freqüente imagem da Igreja como “casa e escola”¹², assim como o verbo “acolher” que a acompanha, expressam uma dinâmica missionária só por analogia. Missionário não é, em si, aquele que acolhe, mas é *o acolhido* por antonomásia. Missão é um termo que desde o Vaticano II serve um pouco para descrever toda a ação da Igreja. No entanto, não podemos perder de vista o que *especificamente* se entende com isso, sob pena de esvaziar o seu sentido.

Uma Igreja enviada é uma Igreja que está fora de casa, que faz a experiência radical do seguimento, do despojamento e da itinerância, como companheira dos pobres (cf. DAp 398) e como hóspede na casa dos outros. O discípulo, em particular o discípulo presbítero, é essencialmente um peregrino e um enviado que deixou casas, irmãos, irmãs, pai, mãe, filhos, campos, por causa de Jesus. O próprio Jesus disse: “*Eu sou o Caminho*” (Jo 14,6) e não: “Eu sou a chegada”. Jesus inverte a perspectiva de Tomé, que queria conhecer o caminho a partir do ponto de chegada: “Senhor, não sabemos para onde vais. Como podemos conhecer o caminho?” (Jo 14,5). Esta identificação de Jesus com o caminho foi algo de marcante para os primeiros cristãos. Eles se autodenominavam de “pertencentes ao Caminho” (At 9,2).¹³

¹² Cf. DA 158; 167; 170; 188; 246; 272; 370.

¹³ Cf. SUESS, Paulo. Migração, peregrinação e caminhada. *Revista Eclesiástica Brasileira*, Petrópolis, n. 238, p. 309, jun. 2000.



“Abandonar as estruturas caducas” (DAp 365)

A partir dessas considerações, o apelo do DAp de “abandonar as estruturas caducas que já não favorecem a transmissão da fé”, talvez não se refira imediatamente a algo de exterior, mas a algo de profundamente interior na vida dos discípulos missionários (cf. DAp 366.368), como se se tratasse de uma radical renovação espiritual, uma libertação das amarras culturais, sociais, ideológicas, psicológicas, afetivas. O DAp não diz claramente quais são essas amarras. Mas, no que diz respeito à conversão missionária dos presbíteros, podemos até arriscar alguns palpites.

Primeiramente, em qualidade da excelência à qual é chamado como discípulo missionário de Jesus Cristo, o presbítero deve ser um homem capaz de estar na linha de frente, nos lugares onde a fé ainda não brotou e a Igreja ainda não se reuniu. O presbítero tem que aprender a viver e trabalhar fora da cumplicidade aconchegante de uma comunidade na qual ele encontra seus irmãos na fé, é reconhecido e valorizado como o “pai”, exerce uma autoridade aceita, é servido e procurado e sua tarefa é definida e apreciada. Desse ponto de vista ele terá que agüentar a solidão ou o isolamento que nasce dessa “alteridade”, às vezes profunda e hostil, por parte do ambiente que está ao seu redor.

É uma dimensão que interessa também o aspecto espiritual. O presbítero deverá sair da dependência em relação à sua comunidade, terá que converter sua espiritualidade encontrando referências e recursos em si mesmo, aprendendo a viver a partir da convicção de que seu povo são os “outros”, os de fora. Sua alegria e seu conforto residem no fato de estar próximo a eles no modo mais íntimo que for possível, em nome do Amigo comum, embora eles ainda não o reconheçam.

Um outro campo de conversão tem a ver com o próprio ministério ordenado. Nossos jovens presbíteros são investidos fortemente da consciência de serem “pais”, quer dizer, homens da Palavra (sobretudo intra-ecclesial, pregação, ensino), de governo e dos sacramentos: “profetas, sacerdotes e pastores”. Isso constitui um fato tremendamente perigoso para um presbítero missionário em relação ao qual a comunidade cristã não é mais o campo principal de suas atividades, o centro da sua vida. Por isso é urgente retificar esta imagem de si. Não porque os *tria munera* que definem o presbiterado estejam errados, mas porque o presbítero missionário tem que vivê-los de acordo com uma outra lógica. Certamente ele deve ser profeta e *anunciador da Palavra*, mas para o mundo: uma



pessoa que é sinal para o mundo (com a palavra e a ação), que decifra os sinais do Reino no mundo (com todos os que buscam a vida), que anuncia o Evangelho para que faça sentido para o mundo. Além disso, ele é *sacerdote*, certamente, mas o seu sacerdócio não é chamado a se expressar, em primeiro lugar, na administração dos sacramentos. A sua celebração da eucaristia, muitas vezes individual ou sem uma numerosa assembleia, será uma “missa no mundo”; sua aliança de vida com o povo de Deus “que está fora” será seu “culto espiritual”, uma “oferenda espiritual” de hóstias viventes. Ele é, certamente, *pastor*, mas suas “ovelhas ainda não estão no aprisco”: ele procura, chama, reconhece as ovelhas e as acolherá na medida do dom de Deus.

Em uma palavra, a conversão missionária é uma mudança muito radical, que deve atravessar modelos oferecidos e certo ensinamento recebido para poder preparar presbíteros missionários que sabem e têm consciência de ser para todos os povos e não apenas para o povo cristão. É bom lembrar que sempre mais, como presbíteros, seremos envolvidos numa atividade propriamente missionária, quase por consequência.

“Além de uma pastoral de mera conservação” (DAp 370)

O significado das palavras do DAp de que “a conversão pastoral de nossas comunidade exige que se vá além de uma pastoral de mera conservação para uma pastoral decididamente missionária” (DAp 370), talvez encontre seu sentido apropriado na conversão dos pastores, pois “o testemunho de comunhão eclesial e de santidade é uma urgência pastoral” (DAp 368).

Contudo, somos convidados a transformar não apenas nossas pessoas, mas o nosso próprio agir. Aparecida faz um apelo para uma mudança de mentalidade em relação a um estilo projetual de fazer a missão: “o projeto pastoral da Diocese, caminho de pastoral orgânica, deve ser resposta consciente e eficaz para atender às exigências do mundo de hoje” (DAp 371). Praticamente, devemos passar do hábito de apenas planejar a pastoral para o hábito de ter uma mentalidade projetual, o que significa não apenas “bolar” um projeto, mas continuamente avaliá-lo, acompanhá-lo, modificá-lo: “Esse projeto diocesano exige acompanhamento constante por parte do bispo, dos sacerdotes e dos agentes pastorais, com atitude flexível que lhes permita manter-se atentos às exigências da realidade sempre mutável” (DAp 371).



A nota do DAp é extremamente indicativa: “não se trata só de estratégias para procurar êxitos pastorais, mas de fidelidade na imitação do Mestre” (DAp 371). Ter um projeto missionário significa imitar Jesus, ser fiel a ele. Ele teve um projeto missionário? Sim, sem dúvida. Nós o encontramos em Mateus 9,35-10,42. Aí podemos buscar linhas mestras para traçar nossos projetos e nossos caminhos.

Com efeito, ao enviar os doze para uma missão itinerante, Jesus nos ensina:

- a enxergar a realidade do mundo e das pessoas com os olhos de Deus, rezando para que o Dono da messe envie operários (cf. Mt 9, 36-38);
- a chamar pessoas *para* serem enviadas em missão em comunidade, por meio de uma organização participativa e descentralizada (cf. Mt 10,1-4);
- a definir os objetivos em torno do anúncio essencial e de destinatários específicos: o que quer dizer para nós hoje que “o Reino de Deus está próximo” (Mt 10,7)? Quem são para nós “as ovelhas perdidas da casa de Israel” (Mat 10,5-6)?
- a escolher caminhos de serviço à vida; linhas de ação de luta contra o mal; metodologias missionárias de ir ao encontro dos outros, tornando-se hóspedes na casa deles; atitudes básicas diante das inevitáveis perseguições (cf. Mt 10,8-23);
- a procurar os meios necessários para alcançar metas e objetivos, sabendo valorizar e capacitar ao máximo os recursos humanos (cf. Mt 10,31), mantendo simplicidade e agilidade com os recursos estruturais (cf. Mt 10,11), dando um testemunho de austeridade, essencialidade, criatividade e justiça através dos recursos financeiros (cf Mt 10,8b-10).

Do estudo e da reflexão contextual sobre esses cinco elementos, procede depois a elaboração de nossos planejamentos e de nossos encaminhamentos. Mas, antes de mais nada, o projeto missionário quer definir um estilo de missão, uma maneira peculiar de Jesus em se aproximar da realidade, que corresponde à maneira do próprio Deus Pai de amar o mundo concretamente.



3 Extensão: nosso compromisso com a missão *ad gentes*

A Igreja se encontra hoje numa situação de diáspora diante da fragmentação e da multi-culturalidade do mundo atual. A hegemonia das tradições religiosas em determinados territórios cedeu lugar ao pluralismo possível, graças às encruzilhadas proporcionadas por tecnologias, mercados, mobilidades humanas e aglomerações urbanas.

Nessa situação de efervescência, cidades e metrópoles substituíram aldeias em todos os continentes. Sabedorias populares e estruturas comunitárias deram lugar à autonomia e à liberdade das pessoas. A questão religiosa, no seu conjunto, se amplifica e se aprofunda diante dos desafios do mundo pós-moderno e globalizado (cf. DAp 37). Para a humanidade do século XXI, a religião torna-se sempre mais uma *commodity*, uma mercadoria para satisfazer as necessidades/desejos espirituais de sentido dos indivíduos, dispensando, porém, a adesão a uma comunidade e a afiliação a uma confissão.

Nesse contexto, a missão *ad gentes* amplia espontaneamente seu âmbito de ação.¹⁴ Antigamente, na mentalidade da cristandade, coincidia com a missão *ad extra*, em territórios culturalmente não-cristãos. *Extensão* aqui rimava com *expansão* da Igreja. Hoje, parece impor-se como realidade em qualquer lugar, particularmente nos contextos de antiga tradição cristã.

No DAp podemos identificar pelo menos cinco âmbitos de atuação missionária tendo como *leit motiv* a missão *ad gentes*. Esses âmbitos podem ser entendidos como círculos concêntricos em ordem à extensão da missão, e também como tarefas que se implicam uma com a outra.

Missão aos corações

O primeiro âmbito é indicado por uma frase de Bento XVI citada no DAp 7.3:¹⁵

¹⁴ Cf. o capítulo IV da *Redemptoris Missio*: “Os imensos horizontes da missão *ad gentes*” (RMi 31-40).

¹⁵ Essa citação de DA 375, porém, não confere com: BENTO XVI. *Discurso aos membros do Conselho Superior das Pontifícias Obras Missionárias*, 5 de maio de 2007. In: http://www.vatican.va/holy_father/benedict_xvi/speeches/2007/may/documents/hf_ben-xvi_spe_20070505_pom_po.html. Acesso em 1 de novembro de 2008.



“O campo da Missão ad gentes se tem ampliado notavelmente e não é possível defini-lo baseando-se apenas em considerações geográficas ou jurídicas. Na verdade, os verdadeiros destinatários da atividade missionária do povo de Deus não são só os povos não cristãos e das terras distantes, mas também os campos sócio-culturais, e sobretudo os corações” (DAP 375).

Aqui o campo da missão *ad gentes*, em seu novo paradigma na esteira de *Evangelii Nuntiandi* 19 e de *Redemptoris Missio* 37, é individuado segundo três critérios: a) o critério religioso (os não-cristãos); b) o contexto social; c) a dimensão cultural. Mas o que mais salta aos olhos é esse “... e sobretudo os corações”. A *missio ad gentes* se apresenta essencialmente como uma *missio ad cordia*: em primeiro lugar, vem a atenção, a aproximação e o cuidado para com a pessoa humana. A missão não é uma questão de coerção, mas de coração. As pessoas na sociedade pós-industrial vivem dentro de um sistema de coerções e de cobranças. Não agüentam mais. As pessoas precisam de humanidade. Aparecida aposta que o amor cristão “supera o amor humano e participa do amor divino, único eixo cultural capaz de construir uma cultura da vida” (DAP 550). Antes de ser uma verdade axiomática, isso precisa ser entendido como imperativo e perspectiva existencial para todos os cristãos, enquanto discípulos missionários pelo batismo.

Por isso que a missão não é primariamente uma questão de estruturas, de métodos e de estratégias, mas é uma questão de homens e mulheres novos: “não há novas estruturas se não há homens novos e mulheres novas que mobilizem e façam convergir nos povos ideais e poderosas energias morais e religiosas” (DAP 538). O diálogo e o anúncio missionário, antes de mais nada, “precisa passar de pessoa a pessoa, de casa em casa, de comunidade a comunidade (...) procurando dialogar com todos, em espírito de compreensão e de delicada caridade” (DAP 550). De coração a coração, objetivo da missão é converter *os corações*, fazendo com que todos se tornem discípulos missionários (cf. Mt 28,19). Isso significa praticar a Palavra e reconhecer-se como *irmãs e irmãos*, filhos do mesmo Pai, uns com os outros, próximos aos demais no mundo inteiro.

Comunidade missionária

O segundo âmbito da missão *ad gentes* que podemos identificar no DAP é a constituição da comunidade missionária:



“A Diocese, em todas as suas comunidades e estruturas, é chamada a ser ‘comunidade missionária’ (cf. ChL 32). Cada Diocese necessita fortalecer sua consciência missionária, saindo ao encontro dos que ainda não crêem em Cristo no espaço de seu próprio território e responder adequadamente aos grandes problemas da sociedade na qual está inserida. Mas também, com espírito materno, é chamada a sair em busca de todos os batizados que não participam na vida das comunidades cristãs” (DAP 168).

Trata-se de uma “firme decisão” que “deve impregnar todas as estruturas eclesiais e todos os planos pastorais de dioceses, paróquias, comunidades religiosas, movimentos e de qualquer instituição da Igreja” (DAP 365).

A Igreja em Aparecida sente que está na hora de mudar, mas não sabe como e de onde começar. De um lado, almeja abandonar uma pastoral de conservação, para uma missão evangelizadora no meio do mundo. Por outro lado, reafirma hierarquicamente suas estruturas delegando a responsabilidade das mudanças a uma maior motivação e a um maior empenho de seus principais agentes. A principal estrutura a ser mudada é a própria mentalidade eclesiocêntrica.

Pegamos, por exemplo, a renovação missionária das paróquias (cf. DAP 173). Isso mais parece uma *contradictio in terminis* que uma afirmação ou um desejo, pois as palavras “pastoral” e “missionária” indicam tensões diferentes e quase opostas. Uma indica preservação, “cuidado com os fieis”; a outra, abertura, envio ao diferente que não pertence ao rebanho cristão. Com efeito, a paróquia nunca foi propriamente missionária e nem nasceu para ser missionária.¹⁶ Não é por acaso que em seus documentos principais, como a *Lumen Gentium* e a *Gaudium et Spes*, o Vaticano II nunca fala de paróquia. A doutrina conciliar não está interessada em falar da instituição, porque sabe que a instituição não pode se converter. Ao contrário, para indicar a Igreja visível, o Concílio usa a palavra “comunidade”. A comunidade é feita de pessoas

¹⁶ “Impressiona ler esta consideração do teólogo Severino Dianich: ‘A estrutura paroquial sempre acolheu os crentes aos quais a fé já tinha sido transmitida e aos quais a paróquia devia garantir a catequese e os sacramentos. É paradoxal mas é verdadeiro, o fato de que ao longo de sua história a paróquia nunca esteve preocupada com o problema do acesso à fé dos não-cristãos. É verdadeiramente um paradoxo, mas é difícil desmenti-lo’”. ORLANDONI, Mons. Giuseppe. *Il volto missionario della parrocchia. Linee programmatiche per l’anno pastorale 2004-2005*. In: <http://www.diocesi-senigallia.it/documentiword/IL%20VOLTO%20MISSIONARIO%20DELLA%20PARROCCHIA.doc>. Acesso em 15 de julho de 2007.



e de relações. As pessoas têm coração, as estruturas não têm. E a missão é uma questão de coração.

A comunidade representa a grande proposta que a Igreja faz ao mundo com sua missão. O próprio Evangelho chama à vida em comunidade. A salvação não passa pela simples distribuição de sacramentos, mas na resposta a um chamado de discipulado missionário que se realiza numa intensa vida de fraternidade. Jamais essa fraternidade constituirá círculos fechados, como também não estará simplesmente aberta a acolher os outros que estão de fora. A proposta de Jesus é de uma fraternidade peregrina que se faz próxima a todos, conjugando a comunidade com a missão: comunhão na missão e missão em comunhão.

Missão Continental

O terceiro âmbito da missão foi descrito como Missão Continental (cf. DAp 362).

Parece haver uma novidade na perspectiva da Missão Continental: passar de uma *nova evangelização* realizada prevalentemente com eventos esporádicos (ex. missões populares, com a pretensão de trazer o povo para a Igreja), para uma Igreja em *estado permanente de missão*. Isso equivale a reconhecer o contexto de pluralismo no qual se encontra o mundo de hoje. Esse contexto não representa uma situação de nomadismo das pessoas. Nossas ovelhas não se sentem desgarradas e perdidas, fora do redil da cristandade. Aliás, esse “estar fora” representa muitas vezes um estado de liberdade e de emancipação. Esse pluralismo é a própria “casa” dos nossos povos na América e no mundo, onde temos que entrar tirando as sandálias, para anunciar *permanentemente* o Evangelho e fazer discípulos missionários.

Mas o intuito da Missão Continental não deveria parar por aqui. Há também um outro aspecto importante a ser acrescentado: o da cooperação entre as igrejas. Com efeito, o projeto poderia tornar-se também uma ocasião para promover uma inter-ajuda entre igrejas latino-americanas, pelo menos como sinal e gesto comum. Cada Igreja local sentir-se-ia chamada a abraçar uma missão maior junto a outra Igreja no Continente. Aparecida resgata com vigor a perspectiva da Pátria Grande: “una e plural, a América Latina é a casa comum, a grande pátria de irmãos” (DAp 525).



Essa “dignidade de nos reconhecer como família de latino-americanos e caribenhos implica uma experiência singular de proximidade, fraternidade e solidariedade” (DAp 525).

Retomando as palavras de Bento XVI, em várias partes do DAp se diz que o Continente da esperança há de tornar-se o Continente do amor (cf. DAp 64; 128; 522; 537; 543). Tudo isso precisa se expressar urgentemente em termos de compromisso mútuo e de projetos missionários além-fronteiras, para não ficar apenas na base da confraternização e das boas intenções.

Missão *ad gentes*

Finalmente, o quarto âmbito indicado por Aparecida é a missão *ad gentes*. O debate sobre a missão *ad gentes* intensificou-se muito nas últimas décadas, ao ponto que não é mais possível referir-se a ela somente em termos de territórios e de primeiríssima evangelização. Também o contexto social e a dimensão cultural sobressaem como âmbitos nos quais é preciso “chegar a atingir e como que a modificar pela força do Evangelho os critérios de julgar, os valores que contam, os centros de interesses, as linhas de pensamento, as fontes inspiradoras e os modelos de vida” (EN 19). Desafios como o mundo urbano, a juventude, os fenômenos sociais novos, as migrações, os areópagos das comunicações, da cultura, da política, da economia, fazem parte do nosso cotidiano, estão debaixo dos nossos olhos e dizem respeito diretamente à missão *ad gentes* (cf. RMi 37).

A missão *ad gentes* convoca hoje a Igreja na América Latina a um êxodo constante junto à humanidade, a uma *saída* da escravidão de tantas “situações desumanas” (DAp 358) e uma *travessia* para um outro mundo possível. Esse êxodo exige nossa conversão de cada dia para que aconteça uma ruptura, uma “contraposição à cultura dominante” (DAp 540), com gestos concretos (cf. DAp 397), com o dom da vida (cf. DAp 360) e com sinais que revelam a presença de Deus (cf. DAp 383).

Para o DAp, destinatários da missão são, em primeiro lugar, os pobres, enquanto carecem de reconhecimento por parte da sociedade como um todo. São os excluídos, “não são somente ‘explorados’, mas ‘supérfluos’ e ‘descartáveis’” (DAp 65), povo de rua, migrantes, enfermos, dependentes químicos, presos (cf. DAp 8.6): pessoas que representam



somente um “custo” e que, portanto, para a lógica neo-liberal, devem ser eliminados.

Também destinatária dessa missão é a família (cf. DAp 548), como “patrimônio da humanidade inteira”, núcleo da sociedade mundial, afetado por difíceis condições de vida que ameaçam diretamente sua existência (cf. DAp 432), junto a todos seus sujeitos (crianças, adolescente, jovens, idosos, mulheres, homens, mãe e pai de família). O DAp não esquece os areópagos da cultura moderna global (cf. DAp X; RMI 37c): o mundo da educação, da comunicação, da política, da economia, da ciência e tecnologia, onde o Evangelho e a Igreja são vistos muitas vezes como estranhos e hostis. Enfim, um enfoque especial sobre a cidade, “onde surgem novos costumes e modelos de vida” (RMI 37b), e sobre os indígenas e afro-descendentes, com os quais a missão *ad gentes* tem uma dívida histórica.

Tudo isso representa para a Igreja da América Latina e Caribe uma missão *ad gentes* fora de sua casa e de seus quintais. Podemos dizer que ela está mergulhada nessa missão, e que, portanto, constitui para ela e seus presbíteros “uma atividade primária e essencial, jamais concluída” (RMI 31).

Missão universal

Se precisarmos distinguir, de uma certa forma, a missão *ad gentes* da missão *ad extra*, “além-fronteiras” (cf. *Puebla* 368), essa última então constitui um ulterior e indeclinável âmbito de atuação missionária:

“O mundo espera de nossa Igreja latino-americana e caribenha um compromisso mais significativo com a missão universal em todos os Continentes. Para não cairmos na armadilha de nos fechar em nós mesmos, devemos formar-nos como discípulos missionários sem fronteiras, dispostos a ir ‘à outra margem’, àquela onde Cristo ainda não é reconhecido como Deus e Senhor, e a Igreja não está presente” (DAp 375).

Longe de representar algo de ultrapassado e de necessariamente ligado a pretensões hegemônicas do cristianismo, essa visão aponta para uma fundamental dimensão universal da missão. O conceito é estreitamente ligado à missão *ad gentes* como “missão para a



humanidade”,¹⁷ mas é necessário distingui-lo para que não “se torne uma realidade diluída na missão global de todo o Povo de Deus, ficando desse modo descurada ou esquecida” (RMi 34). A missão *ad extra* lembra que a missão *ad gentes*, na sua radicalidade e especificidade, “se exerce em territórios e grupos humanos bem delimitados” (RMi 37a), e que um contexto culturalmente não-cristão representa um desafio bem mais complexo e de primária importância em relação a outros já marcados por uma tradição cristã.

Hoje essa perspectiva pode ser pensada também em termos de missão *inter gentes*, uma missão entre povos e continentes, entre igrejas locais e igreja universal, vivida no intercâmbio de dons entre comunidades solidárias. Essa visão corresponde ao espírito do Vaticano II, porque

“leva em conta a situação do pluralismo religioso e da diáspora crescente da Igreja no mundo de hoje; enfatiza a responsabilidade da Igreja local para a missão; quebra o monopólio de uma Igreja que envia missionários e uma Igreja que os recebe; admite a reciprocidade e conversão mútua entre agentes e destinatários da missão e da Igreja nos seis continentes e, por conseguinte, valoriza o diálogo intercultural e inter-religioso; sublinha a missão como uma atividade, não entre indivíduos, mas entre comunidades”.¹⁸

Conclusão

Todos esses âmbitos da única missão da Igreja são constitutivos para definir a identidade e a missão dos presbíteros, que estão ainda muito presas ao imaginário pastoral.

O *Diretório dos Presbíteros* diz claramente que o ministério do presbítero é essencialmente pastoral¹⁹, e é “o único, depois do Bispo, ao qual, em virtude do ministério sacerdotal recebido mediante a ordenação, se pode atribuir dum modo próprio unívoco o termo ‘pastor’. Com

¹⁷ O recente Congresso Americano Missionário (CAM 3 – Comla 8) adotou esse caminho para entender a missão *ad gentes*.

¹⁸ SUESS, Paulo. *Introdução à Teologia da Missão*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

¹⁹ CONGREGAÇÃO PARA O CLERO. *Diretório para o Ministério e a Vida dos Presbíteros*, n. 16.



efeito, a qualificação de ‘pastoral’ refere-se quer à ‘potestas docendi et santificandi’ quer à ‘potestas regendi’”.²⁰

Por outro lado, a *Presbyterorum Ordinis* afirma que “os presbíteros, como cooperadores dos Bispos, têm, como primeiro dever, anunciar a todos o Evangelho de Deus, para que, realizando o mandato do Senhor: ‘*Ide por todo o mundo, pregai o Evangelho a todas as criaturas*’ (Mc 16,15), constituam e aumentem o Povo de Deus” (PO 4).

A pastoral, portanto, descreve apenas uma parte – a menor talvez – de toda a missão da Igreja, e ao presbítero não é confiada apenas essa parte, mas *toda* a missão. A missão *ad gentes* constitui o seu “primeiro dever”. O próprio *Diretório dos Presbíteros* pondera que “o sacerdote pertence ‘de modo imediato’ à Igreja universal, que tem a ‘missão’ de anunciar a Boa Nova até ‘aos confins da terra’”.²¹

A missão *ad gentes* lembra globalmente à Igreja da América Latina sua situação de diáspora no mundo atual e, especificamente, as situações *outras* onde ela não está presente com o anúncio do Evangelho, aqui e no mundo inteiro. O apelo é sempre essencial: Jesus e seu Evangelho é salvação, vida e felicidade para todos. A Igreja, com seus presbíteros e toda sua ministerialidade, é chamada a ser esse Evangelho no meio dos povos, próxima a todas as realidades humanas e, ao mesmo tempo, transcendendo todas elas. Deus convida o ser humano a se converter para ser “sempre mais”: sempre mais humano, sempre mais sensível, sempre mais misericordioso. Esse “sempre mais” corresponde a um contínuo ir além de todas as fronteiras. Enquanto o ser humano é sensível ao que lhe está mais próximo, Deus é compassivo também com aquele que lhe está menos próximo. Ou, como diria o Eclesiástico: “*A compaixão de uma pessoa se volta para seu próximo; a misericórdia de Deus, porém, para todo ser vivo*” (Eclo 18,12). O que qualifica a comunidade cristã é, definitivamente, a vivência dessa misericórdia sem limites “para todo ser vivo”. Isso torna os discípulos missionários “*perfeitos como é perfeito o Pai que está no céu*” (Mt 5,48).

Esse último aspecto deveria caracterizar, de maneira peculiar, o ser discípulo missionário como presbítero. É o modo mais fundamen-

²⁰ Ibid., n. 19.

²¹ Ibid., n. 14.



tal, radical e primário de ser discípulo missionário. A missão *ad gentes* representa uma dimensão privilegiada de exercício do ministério do presbítero. Sua identidade encontra nessa missão uma modalidade de atuação típica e específica. Por sua vez, ela confere à própria missão qualidade e espessura: o presbítero é chamado a ser um *alter Christus*, um ícone de Cristo, um prolongamento sacramental de Jesus. Sem dúvida, essa concepção sacramental da missão encontra em toda a Igreja a sua atuação. Contudo, no presbítero tem concretamente e visivelmente o seu “ministro” por excelência.

E-mail do Autor:
rasquio@ccm.org.br